

Editorial: Shoah, 40 anos:

Reverberações no Tempo Presente

Editorial: Shoah, 40 años:

Reverberaciones en el Tiempo Presente

Ilana Feldman

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Rafael Tassi Teixeira

*Universidade Estadual do Paraná, Programa de Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo,
Curitiba, Paraná, Brasil*

A edição número 57 da **ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política** traz à cena o debate contemporâneo acerca de uma obra incontornável do cinema documental e da historiografia do Holocausto (ou Shoah), cuja influência se manifesta em variados campos do conhecimento e das Humanidades, e que em 2025 completa quarenta anos. O dossiê **Shoah, 40 anos: Reverberações no Tempo Presente** deseja assim refletir sobre a atualidade do filme *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, e suas reverberações no mundo atual, insistindo sobre a dimensão ética e estética da obra que, por meio de sua extraordinária poética e coesão visual, atravessa o imaginário contemporâneo, para além dos campos do cinema e das artes.

A partir do centro de gravidade do filme, portanto, multiplicadas abordagens teóricas e analíticas têm inspirado artistas, historiadores e intelectuais ao longo das últimas décadas, servindo de mote para importantes encaminhamentos sobre a fundamental questão do testemunho na paisagem cultural dos séculos XX e XXI: o dilema das representações traumáticas, a figuração do horror, o compromisso com as vítimas e a exposição dos perpetradores, o abismo entre a experiência vivida e a narração que é possível fazer dela, dentre outros temas e problemas teóricos.

Evidentemente, se *Shoah*, de Claude Lanzmann, tem sido revisitado com frequência – o que ainda hoje faria do legado do filme um paradigma indispensável para se repensar as escolhas autorais e as lacunas historiográficas no cinema documentário, o dilema dos arquivos e da dimensão “irrepresentável” do real

traumático etc. –, isso não quer dizer que a obra seja, ela mesma, imune a questionamentos. Alguns autores sinalizam o evidente apagamento das figuras femininas no interior e ao redor do filme, por exemplo.

Shoah só pode ser pensado, portanto, conjuntamente a seus movimentos reconstitutos ao longo dos anos, movimentos teóricos, críticos, artísticos e analíticos que tanto alongaram como reescreveram o domínio da obra: os filmes tributários de *Shoah* realizados pelo próprio Lanzmann a partir das mais de duzentas horas de material bruto (conhecido como *outtakes*) ampliaram as discussões já trazidas por *Shoah* para variados domínios e por meio de novos procedimentos estilísticos documentais.

Mais do que isso, a importância de *Shoah* e seus axiomas para um longo e extraordinário repertório de filmes, autores e cineastas é patente. Influenciados pela obra, esses artistas e realizadores do cinema contemporâneo, nos campos do documentário e da ficção, têm dissecado a atualidade reiterada das discussões sobre as violências de Estado, as políticas de ódio, extermínio e aniquilação de alteridades, sobre as relações entre vítimas, perpetradores e sociedades silenciosas, enfim, sobre os impasses e aporias do testemunho.

Organizado por Ilana Feldman (UFRJ) e Rafael Tassi (UNESPAR), o dossiê conta com seis artigos. Desses, três são de autores estrangeiros, vinculados a universidades estrangeiras, e três são de autores brasileiros, vinculados a universidades e centros de investigação nacionais. Soma-se a esse conjunto uma importante transcrição de um debate ocorrido em 26 de outubro de 2012, ano em que o **Instituto Moreira Salles** lançou uma coleção de DVDs que tem como primeiro título, justamente, *Shoah*. A mesa em questão reuniu três significativos pensadores e cineastas brasileiros para debater o filme: Eduardo Escorel, João Moreira Salles e Eduardo Coutinho.

Os três primeiros textos do dossiê, de autores estrangeiros, trabalham a obra e suas múltiplas características e associações. **Jennifer Cazenave**, destacada estudiosa do filme e de seus *outtakes*, enfoca as figuras femininas como grande ausência da narrativa de Lanzmann, e parte da análise de um testemunho gravado em Nova Iorque em 1978 com a historiadora-sobrevivente Gertrude Schneider, sua mãe Charlotte Hirschhorn e sua irmã Rita Wasserman, que entraram apenas parcialmente no corte final do filme. O artigo é uma adaptação de Cazenave de um capítulo de seu livro *An Archive of the Catastrophe: The Unused Footage of Shoah*, publicado pela SUNY Press em 2019.

Igual modo, **Alberto Sucasas**, prolífico autor de obras consideradas capitais na análise do filme, retoma algumas das discussões abertas no livro *Shoah, El campo fuera de campo: cine y pensamiento em Claude Lanzmann* (2019), trabalhando cinco elementos da poética de Lanzmann a partir da configuração fílmica e de seus modos de abordagens clássicos: semântica testemunhal por meio de sua representação audiovisual; recurso ao plano subjetivo para evocar a experiência das vítimas; construção, por meio da montagem, de uma intersubjetividade antagônica entre vítimas e algozes; simbiose entre o visível (os lugares de memória do extermínio) e a palavra da testemunha; sobreposição de duas figuras do tempo, linear e circular.

Lior Zylberman, por sua vez, realiza pesquisa documental e revisita arquivos na Argentina para debater a aparição do filme no país em um contexto pós-ditadura, observando a recepção do filme em Buenos Aires, quatro anos depois de seu lançamento na França, que contou com a presença do próprio Lanzmann como convidado especial em uma série de debates. Ao modo da crônica, Zylberman relata o contexto de estreia do filme em 1989 e a situação histórica da Argentina, ainda sem um lugar especialmente marcado para a construção do debate audiovisual sobre o Holocausto e a importância que ele teria na década seguinte.

Os três textos de autores de universidades e centros de pesquisa brasileiros valorizam a obra e suas reverberações em outros cineastas, além de explorar a perspectiva filosófica e as intrincadas relações no campo de estudos da memória e do testemunho, correlacionando também o filme com outras obras de arte contemporâneas, tributárias do documentário.

Tommy Ito (Cinemateca Brasileira) articula fontes audiovisuais, como uma entrevista televisiva, com análise fílmica, debatendo, entre outros, memória e testemunho no cinema documentário, dispositivos de *mise-en-scène* e a organização em torno da palavra filmada (o testemunho) como centro propulsor da obra. No contexto de uma entrevista concedida em 2012 por Claude Lanzmann e pelo cambojano Rithy Panh, o artigo explora o encontro dos dois cineastas e a importância de *Shoah* nos filmes de Pahn. Tal influência termina por amplificar o método do cineasta cambojano: o compromisso com a palavra testemunhal em investigações de longa duração.

Ricardo Lessa Filho (UFRGS), por seu turno, é autor de artigo que explora a dimensão ética e estética do documentário de Lanzmann, reivindicando, de modo ensaístico, o tempo atual das palavras e das imagens do filme e atravessando, de múltiplas maneiras, palavra e memória, testemunho e opacidade. Lessa Filho mobiliza ainda variadas autoras e autores para pensar a compreensão de *Shoah* desde múltiplas referências, validando novas perspectivas e abordagens, inclusive críticas, ao passado do filme, sem deixar de pensar seu perene tempo presente e sua pertinência na contemporaneidade.

Por fim, **Breno Benedykt** e **Fabiana Jardim** observam a atualidade do filme desde duas dimensões: de um lado, a elaboração dos métodos nazistas de extermínio dos judeus da Europa e suas formas de transmissão posterior, com ênfase no testemunho e nas práticas de memória, fazendo também referência a obras de arte contemporâneas tributárias das reflexões que *Shoah* inaugura. De outro, o filme como acontecimento discursivo, “indissociável da singularidade da história e da memória que pretende contar”. Os autores escrevem, ainda, a partir do ponto de vista dos movimentos historiográficos e filosóficos dedicados à densificação da categoria do “testemunho” a partir dos anos 1960/70, além de mobilizarem outros operadores conceituais, como a incontornável discussão a respeito do “irrepresentável”, que *Shoah* possibilita, mas não encerra.

Os seis artigos, além da transcrição da mesa-redonda quando do lançamento em DVD de *Shoah*, ao nosso ver, sublinham uma destacada e sempre necessária convicção na poética das imagens e da montagem, na performatividade da palavra encarnada nos corpos dos sobreviventes, na potência sempre lacunar e residual dos testemunhos. O desejo é que as discussões e reflexões suscitadas por essa obra monumental,

paradigmática do cinema moderno e transversal a variados campos do saber estejam sempre acompanhadas da confiança de que ética e estética caminham juntas, irmanadas às poéticas do testemunho, às políticas da memória e às possibilidades abertas pela imaginação – contra a barbárie.

Ilana Feldman

Professora adjunta da Escola de Comunicação e do PPG em Comunicação e Cultura da UFRJ, e líder do grupo de pesquisa "Poéticas do testemunho e políticas da imaginação na paisagem cultural contemporânea" (CNPq). Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorados em Meios e Processos Audiovisuais pela USP (bolsa PNPd, Capes) e em Teoria Literária pela UNICAMP (bolsa Fapesp). Pesquisa as relações entre testemunho, trauma, políticas da imagem e da imaginação na paisagem cultural contemporânea, atuando também como curadora independente.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0381-6203>

E-mail: ilana.feldman@eco.ufrj.br

Rafael Tassi Teixeira

Professor Associado da UNESPAR (PPGCINEAV) e Professor Colaborador no PPG em História da UFPR. Doutor em Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid, com pós-doutorado em Cinema e Audiovisual pela Universitat Autònoma de Barcelona. Bolsista produtividade de pesquisa da Fundação Araucária - protocolo PRD2023361000141. Dedicou-se ao projeto de pesquisa Deveres de Memória, Dilemas Representacionais: Dos Limites entre Arte, Exposição e Testemunho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7137-0904>

E-mail: rafael.tassi@unespar.edu.br

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.